



QUANDO MULHERES SE OLHAM AO ESPELHO: REPRESENTAÇÕES DA MULHER IDEAL NA REVISTA SERVAS DO SENHOR

WHEN WOMEN LOOK AT THEMSELVES IN THE MIRROR: REPRESENTATIONS OF THE IDEAL WOMAN IN THE SERVAS DO SENHOR MAGAZINE

CUANDO LAS MUJERES SE MIRAN EN EL ESPEJO: REPRESENTACIONES DE LA MUJER IDEAL EN LA REVISTA SERVAS DO SENHOR

Marcilene Nascimento Farias¹
Losandro Antonio Tedeschi²

RESUMO:

Neste trabalho analisamos as representações da “mulher ideal” projetadas pela Igreja Luterana através da revista *Servas do Senhor* – impresso oficial da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Através da revista *Servas do Senhor*, pode-se perceber que as luteranas reafirmavam suas crenças e práticas frente às ameaças do movimento feminista. Inseridas em um contexto, onde os tradicionais papéis atribuídos às mulheres eram contestados diante de um movimento que lutava pela emancipação feminina, foi papel da revista ditar as normas que conduziriam as atitudes das luteranas naquele momento, reafirmando a representação da mulher cristã vinculada ao espaço privado. A partir da coluna *Quando mulheres se olham ao espelho*, presente na revista na década de 1980, percebemos que a revista utilizava-se de figuras de mulheres da Bíblia, consideradas exemplares, a fim de reforçar os valores de esposa, mãe e dona de casa entre as luteranas. Ao discutirmos conceitos fundamentais relacionados à temática em questão, como gênero, poder, representações e religião, este estudo se ancora metodologicamente em autores como Roger Chartier, Joan Scott, Michelle Perrot, Lucila Scavone entre outros.

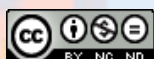
Palavras-chave: Gênero. Religião. Representações. Revista *Servas do Senhor*

ABSTRACT:

In this study, we analyze the representations of the ‘ideal woman’ projected by the Lutheran Church through the *Servas do Senhor* Magazine – official printed magazine of the League of the Lutheran Ladies from Brazil (LSLB). Through *Servas do Senhor*

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). Bolsista CAPES. E-mail: marcileneuems@hotmail.com

² Doutor em História pelo programa de Pós-Graduação em História Latino Americana pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Professor do Curso de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: losandrotedeschi@ufgd.edu.br



Magazine, we can notice that the Lutheran ladies reaffirmed their faith and religious practices against the threats of the feminist movement. Inserted in a context where the traditional roles attributed to the women were objected facing a movement that struggled for the feminine emancipation, the objective of the magazine was to dictate the norms that would lead the attitudes of the Lutheran ladies at that moment, reaffirming the Christian woman's representation linked to the private space. Starting from the column *Quando mulheres se olham ao espelho*, present in the magazine in the decade of 1980, we have observed that the magazine used women characters of the Bible, considered ideal models, in order to reinforce wife's, mother's and housewife's values among the Lutheran ladies. We discuss fundamental concepts related to the thematic in focus, as gender, power, representations and religion. This study is methodologically anchored in authors such as Roger Chartier, Joan Scott, Michelle Perrot, Lucila Scavone and others.

Keywords : Gender. Religion. Representations. Servas do Senhor Magazine.

RESUMEN:

En este estudio analizamos las representaciones de la "mujer ideal" proyectadas por la Iglesia Luterana en la revista *Servas do Senhor* - impreso oficial de la Liga de Mujeres Luterana de Brasil (LSLB). A través de la revista *Servas do Senhor*, podemos darnos cuenta de que las luteranas reafirmaban sus creencias y prácticas frente a las amenazas del movimiento feminista. Insertadas en un contexto donde los papeles tradicionales asignados a las mujeres fueron impugnados ante un movimiento que luchaba por la emancipación femenina, fue papel de la revista dictar las normas que conducirían las actitudes de las luterana en aquel momento, haciendo hincapié la representación de la mujer cristiana vinculada a la vida privada. En la columna *Quando mulheres se olham ao espelho*, presente en la revista en los años 1980, nos dimos cuenta de que la revista hizo uso de las figuras de las mujeres en la Biblia como ejemplos, a fin de aumentar los valores de esposa, madre y ama de casa entre las luteranas. Al discutir los conceptos fundamentales relacionados con el tema en cuestión, como género, poder, representaciones y religión, este estudio se ancla metodológicamente en los autores Roger Chartier, Joan Scott, Michelle Perrot, Lucila Scavone, entre otros.

Palabras clave: Género. Religión. Representaciones. Revista Servas do Senhor.

INTRODUÇÃO

Numerosos discursos, desde a Antiguidade, construíram a desigualdade de gêneros como natural, a fim de legitimar as diferenças entre homens e mulheres e também construir um sujeito com uma identidade determinada, impondo por meio de relações de poder, verdades sobre ele. Tais discursos integraram-se as práticas sociais, passando, assim, a determinar a vida das mulheres, estabelecendo uma "natureza feminina", voltada para a maternidade e reprodução. Nesse sentido, "abordar a construção dessas representações é revelar a o imaginário masculino

presente na cultura. Tradicionalmente se empregam argumentos respaldados em concepções ‘naturalísticas’, religiosas, políticas para legitimar a subordinação feminina” (TEDESCHI, 2008, p.09).

Para Ana Maria Bidegain (1996, p. 25), tais discursos normativos manifestam as interpretações dos significados dos símbolos, na tentativa de limitar e conter as suas possibilidades metafóricas e estabelecer uma ordem social. A autora também acredita que tais conceitos exprimem-se em doutrinas religiosas, educativas, científicas, legais e políticas que afirmam de maneira categórica o significado de varão e mulher, masculino e feminino.

Concordamos com Adriana de Souza (2007) quando esta diz que a Igreja é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre os sexos. Segundo a autora, através de representações, linguagens e palavra autorizada, a religião reforça as desigualdades de gênero, alimentando a idéia da inferioridade feminina através de seus discursos, que trazem consigo modelos paradigmáticos de mulheres, como é o caso das figuras de Maria e Eva. Através desses modelos paradigmáticos, a religião procura transmitir a representação da mulher como sempre disposta a servir, a perdoar, a ser submissa, a completar-se na maternidade, assim, como Maria, serva submissa que aceitou o seu destino, e agora serve de paradigma para todas as mulheres, explica a autora.

Desse modo, neste artigo interessa-nos mostrar como o discurso religioso, a partir de modelos do feminino, “historicamente construídos e culturalmente sedimentados”, procurou reforçar o lugar reservado à mulher na Igreja, na família e na sociedade. Para tanto analisamos o caso da Igreja Evangélica Luterana do Brasil³, na década de 80, que por meio da revista *Servas do Senhor*, impresso dirigido ao público feminino dessa Igreja, utilizou-se das imagens bíblicas de Eva,

³É importante ressaltar que nosso estudo refere-se a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), que teve sua origem na atuação de missionários norte americanos. Foi fundada em 1904, como um distrito do Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos. O luteranismo no Brasil, está dividido em duas igrejas: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). A IECLB, considerada a maior, é algumas vezes apresentada como composta por 1.000.000, e até por 1.200.000 membros, e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), apresenta o número de 217.645 membros. Diferenças históricas marcam o relacionamento entre essas duas Igrejas, René Gertz, considera que a direção da IECLB, pode-se caracterizar, provavelmente, como “progressista”, pois ela destaca os compromissos sociais e políticos da igreja, assumindo uma posição intermediária e de intermediação. (GERTZ, 2001). Convém ressaltar no que diz respeito ao público feminino há uma grande diferença entre essas duas Igrejas: enquanto na IECLB as mulheres são ordenadas pastoras, na IELB, o acesso das mulheres ao pastorado não é permitido (NUETZEL, 1996; STRECK & BLASI, 2009).

Maria e Maria Madalena, no intuito de reforçar o lugar das mulheres nesta instituição religiosa. No entanto, para que possamos entender essa atitude da IELB, é preciso que compreendamos os debates em torno do movimento feminista, que marcaram a década de 1980 no Brasil. Pois, de acordo com Roger Chartier (1990, p. 17), as representações sociais são construídas e determinadas pelos interesses de grupos que as forjam, daí a importância em relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza, pois “através das lutas de representações, um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, seus valores e o seu domínio”.

Assim, diante de um movimento que pregava a “desnaturalização do ser mulher” (SARTI, 2004), por meio de sua independência econômica, liberdade de decisão com respeito ao próprio corpo, à maternidade, à sexualidade, a IELB não ficou indiferente e, rapidamente, criou representações em torno da mulher ideal, a fim de justificar, principalmente, as escolhas e condutas de seu público feminino, frente às ameaças do movimento feminista.

Conforme Cynthia Sarti (2004), nos anos 80 o movimento de mulheres já se encontrava consolidado no país:

explicitou-se um discurso feminista que em que estavam em jogo as relações de gênero. As idéias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de suas porta-vozes diretas, mas também do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país . houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher com sujeito social particular (SARTI, 2004, p. 42).

O movimento feminista se tornou importante na medida em que passou a questionar a organização sexual, social, política, econômica e cultural de um mundo marcadamente hierárquico, autoritário, masculino, branco e excludente (RAGO, 1997: 12). Foi responsável por denunciar o esquecimento, o silêncio e a sombra em que permaneceram por muito tempo as mulheres. Um movimento peculiar, múltiplo e com pretensões diversas, um movimento que “conviveu com a diversidade, sem negar sua particularidade” (SARTI, 1998: 06). Alvo de muitas críticas foi interpretado sob diversos prismas e por grupos distintos. Para a direita, se tratava de um movimento imoral e perigoso e para a esquerda, “reformismo burguês”, chegando a ser considerado um movimento “anti-feminino”. Nesse contexto, grupos religiosos também se posicionaram contra o feminismo, principalmente pela força do

imaginário judaico-cristão na manutenção da desigualdade entre os gêneros (SOUZA, 2006).

A partir dessas considerações, veremos que a fim de transmitir o ideal de mulher luterana que a Igreja julgava aceitável, foi lançada na revista *Servas do Senhor*, nos anos 80, a coluna “Quando mulheres se olham no espelho”, que buscava através do exemplo de mulheres da Bíblia, com suas virtudes e fraquezas, fazer com que as mulheres luteranas pudessem refletir sobre suas próprias ações.⁴ Consideramos, entretanto, que as revistas femininas, conforme observado por Carla Bassanezi Pinsky(1993, p. 112), penetram no espaço doméstico atuando como guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação. Dessa forma, funcionando como um “guia de ação” para o público feminino da IELB, a revista *Servas do Senhor*, transmitia às suas leitoras as representações da mulher veiculada pelo cristianismo, ocupada, principalmente, com a maternidade e a domesticidade.

Este artigo foi pensado e construído tendo-se em mente essa problemática complexa da construção dos papéis de gênero pelas religiões, atravessadas por discursos e narrativas de poder. Neste artigo analisaremos as representações de gênero presente no discurso religioso, utilizando como fontes documentais os impressos oficiais da Igreja Luterana no Brasil. A partir da leitura e análise destes documentos pudemos constatar que a religião assume um papel fundamental na definição dos papéis de gênero a partir de uma leitura de vida que demanda um poder de produção da identidade feminina pela doutrina cristã. É função da religião a manutenção ou estabelecimento da estrutura familiar tradicional.

1 GÊNERO, PODER E CRISTIANISMO

A religião, enquanto um elemento situado no seio das representações e interagindo dialeticamente com elas, pode fornecer a simbologia necessária para que os valores adquiram a eficácia social e a adesão afetiva desejada (LEMOS, 2006, p. 93). Isso demonstra, segundo Sandra de Souza (2006), o quanto a religião é uma construção sócio-cultural e que discutir religião é discutir “transformações

⁴ *Servas do Senhor*. 2º trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1984. p.16.

sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesses, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades” (SOUZA, 2006, p. 8).

É o que ocorre no caso da relação entre as mulheres e a religião, pois a moralidade cristã criou certezas, concepções e imagens sobre as mulheres, ou seja, representações que impõem modelos de comportamento religioso e doméstico às mulheres. As características construídas e atribuídas ao feminino são aquelas necessárias ao cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, negando à mulher outras possibilidades e reforçando seu enclausuramento no espaço doméstico. Desse modo, verificamos que o poder do discurso masculino, instituído pelo cristianismo, reforçou as características do “ideal” feminino: mansa, tranqüila, dócil, sincera, calada, não dada às conversas ligeiras (TEDESCHI, 2008, p. 85).

Michelle Perrot (PERROT, 2005, p. 271), acredita que “os vínculos entre mulheres e religião são antigos, poderosos e ambivalentes. E nessa relação sujeição e liberação, opressão e poder aparecem imbricados de maneira quase indissolúvel”. Segundo Perrot (2007, p. 83), a religião exerce um “poder sobre as mulheres”, na medida em que coloca a diferença entre os sexos como um de seus fundamentos, prática comum entre as grandes religiões monoteístas. Essas religiões se fundamentam na hierarquia do masculino e do feminino, ou seja, obedecem a “ordem de uma Natureza criada por Deus”. Para a autora, a religião enquanto um poder sobre as mulheres acentua-se ainda mais nos organizadores dessas religiões, pois “todas elas, estabelecem a dominação dos clérigos e subordinam as mulheres, geralmente excluídas do exercício do culto (na igreja ou na sinagoga), ou mesmo de seu espaço: o que acontece nas mesquitas do islã, embora o profeta Maomé fosse cercado de mulheres” (PERROT, 2007, p. 84). Conforme afirma a autora, o “poder sobre as mulheres e poder das mulheres” pode ser observado no catolicismo, por exemplo:

O catolicismo é, em princípio, clerical e macho, à imagem da sociedade de seu tempo. Somente os homens podem ter acesso ao sacerdócio e ao latim. Eles detêm o poder, o saber e o sagrado. Entretanto, deixam escapatórias para as mulheres pecadoras: a prece, o convento das virgens consagradas, a santidade. E o prestígio crescente da Virgem Maria, antídoto de Eva. A rainha da cristandade medieval. (PERROT, 2007, p. 84).

A religião torna-se “poder das mulheres”, segundo Perrot, quando estas conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva, na base de base de um contra-poder e de uma sociabilidade. As mulheres vêem a piedade e a devoção como um dever, porém, em contrapartida também acreditam que tais ações causam compensação e prazer. Nesse sentido, a igreja oferece um abrigo às misérias das mulheres, pregando, entretanto, sua submissão (PERROT, 2007, p. 84).

Concordamos com Michelle Perrot, quando esta diz que a religião é ao mesmo tempo “poder sobre e poder das mulheres”, pois se a religião contribui para reproduzir a dominação masculina e a submissão feminina, por outro lado, dentro desta lógica as mulheres acabam por criar mecanismos “que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação” (Soihet, 2008: 198).

Segundo Roger Chartier (1995), quando as mulheres se conformam com os cânones corporais, ditados pelo olhar e pelo desejo dos homens, não estão simplesmente se curvando a uma submissão alienante, mas também estão construindo recursos a fim de que possam enfrentar a relação de dominação. E desse modo, reconhecer os mecanismos, os limites e os usos do consentimento “é uma boa estratégia para corrigir o privilégio amplamente concedido pela história das mulheres às ‘vítimas ou rebeldes’, ‘ativas ou atrizes do seu destino’ em detrimento ‘das mulheres passivas’, vistas como consentidoras de suas situações” (CHARTIER, 1995, p. 42).

Michelle Perrot (2006) acredita que ao longo da história a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres. Constatação esta que também está no centro das discussões de Joan Scott, para quem através das relações de gênero as relações de poder, de dominação e de subordinação são construídas.

Na perspectiva de Scott o conceito de gênero é importante na medida em que permite que as relações sociais entre os sexos possam ser percebidas. Assim, o núcleo essencial da definição de gênero, para Scott, repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre dois sexos e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 14). Scott ainda argumenta que utilizar a categoria gênero em análises sociais significa rejeitar explicitamente as justificativas biológicas para as desigualdades nas relações sociais

entre os sexos, pois acredita que a desigualdade entre homens e mulheres é “socialmente construída”, por meio da atribuição, a ambos, de papéis diferentes e hierarquizados (SCOTT, 1995, p. 13).

Segundo Maria José Rosado Nunes (2005), na tentativa de desconstruir o determinismo biológico, o pensamento feminista encontrou na religião um de seus principais adversários. Nas palavras de Maria José Rosado Nunes:

As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram, as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina. O lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e freqüentemente ainda não é, dos mais felizes (ROSADO NUNES, 2005, p. 364).

O destino biológico das mulheres, fundamentado pelos gregos, estendeu-se à formação dos pilares do cristianismo. Essa tradição marcou decisivamente um pensamento e uma prática voltados à inferiorização da mulher. Os relatos bíblicos da criação, atribuindo à mulher a culpa pela tentação e pelo pecado em relação a Deus, trouxe efeitos terríveis e duradouros na história sobre a dignidade e a imagem do feminino (TEDESCHI, 2008: 64).

Nesse sentido, a ordem da Criação seria utilizada pelo Cristianismo, a fim de justificar a submissão da mulher frente ao homem. Deste modo, os textos relativos ao pecado original, permitiram de várias formas, a justificação da subordinação feminina, pois na medida em que Deus submete Eva à obediência ao marido, a autoridade e o papel de dominação apenas podem ser exercidos pelo homem, sendo inacessíveis à mulher, que Deus tornou subserviente ao homem como castigo pela sua desobediência, por ter sido ela a abandonar a lei divina: “procurarás com paixão a quem serás sujeita, o teu marido (Gênesis 2:16)”. (TEDESCHI, 2008, P. 72)

Contribuindo com os debates em torno dessas duas figuras paradigmáticas do Cristianismo, Julia Kristeva (2001) acredita que a figura de Maria difundida pelo cristianismo suscita uma mistura de poder e de dor, da soberania e do inominável. Para Kristeva, ao anular o corpo e a sexualidade feminina em benefício da complacência e da virgindade, o Cristianismo censura perigosamente a fertilidade feminina, combate o paganismo e suas deusas-mães, e impõe contra Eva - pecadora uma Maria pura, sacerdotisa do ascetismo (KRISTEVA, 2001, P. 79).

Portanto, a análise dessas duas mulheres utilizadas pelo Cristianismo para representar todo o universo feminino, nos permite compreender que Maria é tida como um exemplo único do seu tipo, ao passo que as mulheres restantes são consideradas filhas de Eva. Logo, “assumiremos Eva como aquilo que a Igreja define que a mulher é, e Maria como um modelo daquilo que a mulher deveria ser (TEDESCHI, 2008, p. 67).

Notamos, entretanto, que essa busca pelo ideal mariano se tornou na história das mulheres a maior busca de afirmação da identidade feminina, incansável e intocável levando a sua submissão aos discursos religiosos. Nessa perspectiva o estudo de Terezinha Zanlochi (2001) sobre a mulher leiga, cristã engajada nas pastorais paroquiais da Igreja Católica, na Diocese de Bauru, no período de 1960 a 1990, se torna de extrema importância por mostrar como essas mulheres leigas introjetaram o ideal feminino simbolizado na figura de Maria, mãe e virgem. Segundo Zanlochi, através da figura de Maria as mulheres leigas professavam as virtudes da modéstia, da humildade e da aceitação para o sofrimento. Já o exemplo de Maria enquanto uma mulher decidida que exortou os servos nas bodas de Caná, raramente era lembrado, demonstrando que para essas mulheres leigas a “imagem corajosa e mediadora de Maria ainda não lhes é familiar e nem foi interiorizada por elas como tal. O pietismo e a resignação sim” (ZANLOCHI, 2001, p. 190).

A mulher leiga católica bauruense procurava transmitir a imagem de mulher submissa, humilde, calada, assexuada e virtuosa, semelhante à imagem construída para Maria. Para Zanlochi, a construção da figura de Eva sedutora e pecadora, a imagem da impureza feminina e a condição de inferioridade que lhes conferiram as inúmeras interpretações do Gênesis legitimaram e introjetaram na consciência dessas mulheres leigas, a necessidade de se resgatarem através de uma vida virtuosa. Dentro desse ideário elas praticavam sua religiosidade, através de uma concepção de menoridade que as predispõem para o espírito pietista, mais preocupadas com uma ação voltada para a ordem social carente de solidariedade, do que para o processo de construção da dignidade humana (ZANLOCHI, 2001, p. 190).

Observamos, portanto, que no caso da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), a Ordem da criação também era utilizada a fim de justificar uma “ordem natural” entre os sexos. De acordo com a doutrina da IELB, a mulher havia sido criada para ser “auxiliadora e companheira do homem”, e que conforme a Ordem da

criação, não poderia exercer “domínio sobre o marido” (1 Tm 2.12), mas “ser em tudo submissa ao marido” sendo governada por ele, haja vista que o “marido é cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja” (Ef 5.22-24; 1 Tm 2.11,12). A IELB defendia ainda que a mulher não poderia ensinar ou pregar publicamente, pois a vocação principal da mulher era a maternidade e que esta deveria preservar a sua missão de mãe e esposa com toda submissão e bom senso (Igreja Evangélica Luterana do Brasil, 1981, 03). Assim sendo, para a IELB, a mulher deveria ter uma participação ativa, mas discreta na Igreja, sem transpor o limite do privado, uma vez que o espaço público caberia aos homens, sobretudo a função de pastor.

A IELB atribuía a culpa de Eva no pecado original como uma importante justificativa para explicar a limitada participação das mulheres na Igreja, conforme observamos no documento “A função da mulher na Igreja”, de autoria do pastor Donald Schüler, publicado em 1971. De acordo com este documento, a Igreja baseava-se em uma hierarquia, porque primeiro foi formado Adão e depois Eva, e Adão não foi iludido, mas a mulher sendo enganada caiu em transgressão (SCHÜLER, 1971, p. 35). Essa razão, porém, desdobrava-se em duas outras razões:

1 – Adão foi formado primeiro. Com isto Deus manifestou que a liderança cabe ao varão. Se no lar, a chefia deve ser masculina, pelos motivos vistos em Efésios, não há razão por que no culto deva ser diferente. O homem não só é cabeça no lar como também no culto (1 Co 11,2).

2 – A segunda razão se baseia na primeira. Satanás foi o primeiro a perverter a ordem divina. Atribui à mulher uma responsabilidade para a qual ela não estava emotiva nem psicologicamente preparada. Não ataca “a cabeça”, porque se o fizesse acataria a ordem divina. E seu objetivo é subverter a ordem. A transgressão de Eva sugere que a mulher, como líder está mais exposta ao engano. Em virtude disso, Paulo julga inconveniente colocá-la em função de responsabilidade docente em caráter definitivo. Não o faz por ter as mulheres em pouca estima, mas para protegê-las do perigo a que estão expostas. A preocupação do apóstolo volta-se nesta passagem também incisivamente à congregação. A congregação deve estar sob uma direção sólida, tanto quanto a igreja e o lar (SCHÜLER, 1971, p. 36).

Por meio deste discurso a IELB mantinha as mulheres afastadas das mais importantes esferas de poder dentro da Igreja, pois estando mais propensas ao pecado, as mulheres deveriam ser protegidas. No entanto, sabemos que tais atitudes serviram para dar às religiões um caráter misógino, androcêntrico e patriarcal, responsável por reforçar as desigualdades de gênero, apontando a submissão feminina ao homem como ordem natural e imutável. Assim, vemos o

importante papel desempenhado pela religião no que tange a uma inferiorização do feminino, definindo relações desiguais entre os sexos.

Portanto, resultante de um “poder simbólico”, os papéis femininos do servir e cuidar se legitimam cada vez mais através de um imperativo cultural que coloca as mulheres nos “silêncios” da história, pois o imaginário religioso é o arquétipo que estruturou não apenas as normas de controle, mas também as formas de pensar e agir das mulheres.

2 A MULHER IDEAL NAS PÁGINAS DA REVISTA SERVAS DO SENHOR

A primeira Liga de Mulheres da Igreja Luterana foi organizada na chamada “Igreja-mãe” nos Estados Unidos, a *Lutheran Women’s Missionary Leage (LWML)*, ao que se tem nota, esta foi de grande importância tanto para as obras de missão como para o serviço social da comunidade. Na Igreja Luterana do Brasil, também aos poucos foram sendo fundadas sociedades de senhoras (WARTH, 1979, p. 208) e foi a partir da formação dessas sociedades que as mulheres luteranas decidiram verificar a possibilidade de formar uma Liga Nacional, o que veio a se concretizar alguns anos mais tarde.

A Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), foi criada em 1957 para ser uma entidade auxiliar da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Era uma organização de mulheres, mas sendo parte da Igreja, deveria manter-se intimamente relacionada com ela e seus programas dependeriam de seu apoio e aprovação. Através de seu sistema de ofertas, a LSLB realizava significativos serviços missionários, auxiliava financeiramente na formação de novos pastores, na construção de capelas nos campos de missão, na compra de automóveis, de material missionário, de material para a escola dominical, através de bolsas de estudo para os estudantes necessitados das instituições educacionais da IELB, fornecia assistência às missões, assistência a entidades sociais, à família e à mulher, principalmente através da literatura.

Além da ajuda financeira à Igreja a LSLB ainda mantinha uma revista trimestral tida como o mais importante elo de ligação entre a Diretoria Nacional da LSLB e as mulheres luteranas de todo o Brasil. A revista iniciou com o nome de

Boletim Informativo da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil, em março de 1960. Com um número de oito páginas, o principal objetivo do Boletim era informar as senhoras luteranas sobre os propósitos da LSLB, divulgar congressos, pequenas notícias e mensagem bíblica. Todavia, a contínua organização da LSLB aliada ao sucesso de arrecadação das ofertas permitiu que no ano de 1967, o Boletim mudasse definitivamente, passando a se chamar revista *Servas do Senhor* (LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL, 1966). Com esse feito as mulheres luteranas assumiam todas as dificuldades inerentes às publicações periódicas, principalmente os altos custos que envolviam a produção de um impresso dessa natureza. Porém, uma vez mais as luteranas mostraram grande capacidade de organização e conseguiram, através de inúmeras campanhas, manter por mais de trinta anos a circulação da revista *Servas do Senhor*, com a periodicidade respeitada até mesmo em momentos de graves instabilidades econômicas do país.

Estiveram presente nas páginas da revista importantes debates em torno de questões que marcaram o cenário brasileiro na segunda metade do século XX, como por exemplo, o feminismo. A preocupação com assuntos relacionados às transformações políticas, econômicas e sociais, pela qual passava a sociedade brasileira demonstra o quanto as colaboradoras da revista estavam conscientes de que poderiam ser afetadas de algum modo por essas mudanças.

Como observa Scavone (2008) as transformações sociais, econômicas da modernidade e a difusão das idéias feministas, no decorrer dos últimos 40 anos, incidiram sobre as relações de gênero, possibilitando que em todos os campos do social, as questões de gênero fossem discutidas, inclusive no campo religioso: “mesmo o campo religioso, em seu aspecto tradicionalmente antifeminista, não ficou imune aos efeitos sociais e culturais das idéias feministas contemporâneas” (SCAVONE, 2008, p. 7).

Se tomarmos como fonte a análise da revista *Servas do Senhor*, temos aí a idéia de que o discurso expresso nas revistas não deve ser simplesmente visto como o registro ou reflexão sobre as ações dentro da igreja, mas como práticas que formam, que constroem identidades. A representação tal como utilizamos na história cultural está estreitamente ligada às investigações de Michel Foucault (1999), particularmente à sua formulação do conceito de discurso. Se tomarmos a noção de representação na obra “As palavras e as coisas”, Foucault define o termo como um conjunto de regras de formação, as quais definem o que conta como conhecimento

em uma determinada época, ou aquilo que pode ser pensado ou conhecido num determinado momento histórico.

A identidade não existe “naturalmente”, ela é construída pelo próprio grupo e pelos grupos que se articulavam em torno da Igreja. Não existe nada de “naturalmente” comum ligando os diversos indivíduos de um determinado grupo. No caso das mulheres luteranas, que ora analisamos, há certas condições “sociais” que fazem com que elas se vejam como tendo características comuns: sexualidade, Igreja, geografia. Mas mesmo essas condições sociais têm de ser representadas, expostas, têm de ser produzidas por alguma forma de representação. Aquilo que a LSLB tem em comum é resultado de um processo histórico de criação de certos símbolos, de imagens, memórias, narrativas, de mitos, que “estruturam” a unidade do grupo, que definem sua identidade.

Fica evidente, desta forma, o poder de inclusão e exclusão contido na demarcação da identidade e na marcação da diferença, pois, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), a afirmação da identidade está acompanhada de uma rígida delimitação de fronteiras, onde a separação entre “nós” e “eles” obedece a regras claras. O “nós” e “eles”, pensado aqui, como um processo de classificação do mundo social, de divisão em grupos e classes, onde “um dos termos é sempre privilegiado recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa” (SILVA, 2000, p. 83).

Ao considerarmos a revista *Servas do Senhor* como uma “prática cultural”, conforme Roger Chartier (1988) avalia os materiais impressos, conseguimos visualizar as “representações” emanadas pelo “grupo” responsável pelo impresso, ou seja, as “percepções do social”, as tentativas de “legitimação”, “justificação” das “escolhas e “condutas” que buscam a consolidação de uma “identidade” da mulher luterana. Desta forma, pode-se visualizar através da revista *Servas do Senhor* como as mulheres luteranas receberam as transformações ocorridas no mundo a partir da década de 1960 que direta ou indiretamente promoveram mudanças no modelo de família, na organização da igreja e puseram-nas, de frente aos posicionamentos defendidos pelos movimentos feministas

Assim, através da análise da coluna “Quando mulheres se olham no espelho”, publicada na revista *Servas do Senhor* nos anos 80, sob a responsabilidade de Gisela Becker e Wilma Warth, poderemos visualizar as representações da mulher ideal proposta pela Igreja, mas além disso, essa análise também nos permitirá

observar a importância da “auto-percepção feminina e da incorporação de estruturas inconscientes como disciplinadoras do lugar social da mulher” (TEDESCHI, 2008, p. 63).

A primeira mulher que teve sua trajetória analisada foi Eva. Afinal, conforme nos mostra Tedeschi (2008, p. 75), as características e os comportamentos da primeira mulher são atribuídos a todo o gênero feminino, Eva é o tipo representativo de todas as mulheres, a verdadeira essência feminina, as mulheres são, desse modo, tidas como “filhas pecadoras de Eva”. Através da narrativa bíblica sobre a figura de Eva, a revista procurava mostrar às suas leitoras, que embora muita coisa tivesse mudado, “o caminho da tentação e da transgressão do mandamento de Deus” não sofrera alteração com o passar dos anos. E o feminismo era, pela revista, considerado uma forma de transgressão da “vontade de Deus”, haja vista que Deus no dia da Criação disse: “Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gen. 2-18). Dessa forma, Eva possuía no Paraíso uma incumbência especificamente feminina: ela deveria ser uma ajudadora do marido. Porém, a palavra ajudadora, do ponto de vista da revista, não significava que ela deveria ser uma doméstica ou uma escrava, mas sim uma parceira de Adão, “pois do homem ela foi retirada com o propósito de ser sua companheira”⁵.

A revista colocava que entre marido e esposa deveria existir mútua dependência. Assim, a revista indagava: “Por que, então, tanta rivalização entre o homem e a mulher? Por que tantas mulheres querem tornar-se independentes dos homens? O que querem?”⁶. Para a revista as feministas queriam transgredir os limites, assim, como Eva, “uma mulher que tudo queria, mas que tudo perdeu”, pois mesmo vivendo em um Paraíso, como uma vida sem pecado, na companhia de seu marido, em comunhão com Deus, rodeada de beleza, paz, sossego, fartura, amor, se voltou contra os limites traçados por Deus, transgressão que começou com um olhar, com um desejo, com a cobiça e terminou no roubar. Segundo a revista, nos momentos de tentação era importante ter em mente que “cada um tem a sua ‘serpente’ e o mais importante é com a ajuda de Jesus esmagar-lhe a cabeça”⁷.

Assim, por sua transgressão, como mulher, Eva teve muitos sofrimentos. Deus diz: “Com dores dará a luz e o teu desejo será para o teu marido e ele te

⁵ Servas do Senhor. 2º trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1984. p.16

⁶ Servas do Senhor. 2º trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985. p.12

⁷ Servas do Senhor. 3º trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1984. p. 17

dominará (Gn.3-16)”. Desta forma, os sofrimentos pela culpa de Eva no Pecado Original, são estendidos a todas as mulheres, descendentes de Eva, o sofrimento da parturiente é um exemplo disso, que conforme a revista “clama ao céu até hoje ao redor do mundo inteiro”⁸. Para a revista os castigos de Eva deveriam servir de exemplo àquelas mulheres que em determinados momentos insistiam em “transgredir os limites impostos por Deus”, esquecendo-se que ainda hoje a “justiça divina” está em vigor.

Portanto, ao contrário de Eva, Maria é tida como um exemplo único do seu tipo, ao passo que as mulheres restantes são consideradas filhas de Eva. Logo, “assumiremos Eva como aquilo que a Igreja define que a mulher é, e Maria como um modelo daquilo que a mulher deveria ser (TEDESCHI, 2008, p. 67).

O modelo de família apresentado na revista evidenciava que o lar deveria estar sempre calcado em princípios e hierarquia, distante de conflitos e desagregações. Ocupando o ponto mais alto da hierarquia familiar estava o marido, responsável pela tomada de decisões e por cuidar de todos os outros membros da família. Abaixo dele estaria a mulher, cuja principal função era a de ser mãe e esposa. A esposa deveria ser companheira, prestando auxílio ao marido numa relação de mútua dependência, enquadrando, os padrões de seu lar aos milenares padrões bíblicos. Assim, a representação da mulher é idealizada em torno de uma mulher doméstica e vinculada à família, cuja principal responsabilidade era cuidar dos filhos e do marido.

Como vimos uma das principais funções atribuídas às mulheres luteranas era a maternidade, considerada como uma incumbência divina que todas as mulheres deveriam cumprir, pautadas no exemplo daquela que tranquilamente aceitou sua incumbência divina de trazer o Messias ao mundo, Maria.

Na perspectiva de Carolina Teles Lemos, o ideal religioso de Maria e sua relação com o paradigma da maternidade presente na sociedade brasileira corroboram para a manutenção das desigualdades de gênero, pois de acordo com a autora, com uma concepção de sagrado que tem como base a “exploração dos aspectos da proteção, de serviço e de cuidado atribuídos tanto à Maria quanto à mãe humana, a compreensão da maternidade se constitui em uma âncora na

⁸ Servas do Senhor. 3º trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1984. p. 17

manutenção das desigualdades de gênero em foco de resistência às transformações na família” (LEMOS, 2006, p. 84).

As características construídas pela moral cristã, em torno do feminino, como o cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, além de negar à mulher outras possibilidades, servem para enclausurá-la no espaço doméstico. O discurso dos primeiros apóstolos já trazia a prática da maternidade e da domesticidade como algo coerente com a natureza feminina, pois, garantir a reprodução da espécie era de alguma maneira, perpetuar o público cristão. Atribuindo tais características à mulher, a moralidade cristã legitima os papéis e reconhece a submissão das mulheres ao homem como ordem natural, perversa, imutável. A mulher deveria ser “guardada” pelo homem: “Deveis saber que a cabeça de cada homem é Cristo e a cabeça de cada mulher é o homem e a cabeça de Cristo é Deus” (1 Coríntios, 11,3) (TEDESCHI, 2008, p. 88).

Carolina Lemos (2006, p. 102), observa que se Eva pelo seu pecado recebeu a penitência de ser dominada pelo homem, qualquer mulher que queira transgredir esta ordem, estará se rebelando não contra a ordem humana, mas sim contra Deus, agravando ainda mais sua situação de pecadora. Já Maria é apresentada como serva do Senhor, humilde, boa mãe, esposa dedicada.

Desta forma, percebemos que em conformidade com a tradição cristã, na revista pregava-se o papel da mulher limitado à “maternidade e à domesticidade”, alertando-as para que seguissem o exemplo de mãe deixado por Maria e aceitassem sua “incumbência divina”. A partir das discussões em torno da maternidade de Maria, foi feita a seguinte pergunta às leitoras: Como vocês mulheres estão cumprindo a sua incumbência divina? A revista lembrava que embora Maria tivesse sido um exemplo de mãe, muitas mulheres não queriam seguir o seu exemplo, negando a maternidade. Essas mulheres, segundo a revista, acabavam escolhendo um caminho mais fácil de manipular, dizendo não à maternidade com a desculpa de que havia muita incerteza e que a vida estava difícil, o resultado disso eram mulheres vazias e depressivas.

É importante notar que essas práticas discursivas não foram reproduzidas apenas pela tradição cristã, mas por outros discursos que se legitimaram ao longo do processo histórico, como o filosófico, o pedagógico, o biológico, entre outros. Para Swain (2001), no saber instituído pela filosofia e pela história, o discurso dos “grandes homens” desempenhou importante papel na manutenção da “verdadeira”

natureza da mulher, criando representações pejorativas sobre o feminino, responsáveis por delimitar o lugar das mulheres no mundo, suas possibilidades e as práticas às quais deveriam se restringir. Desse modo, segundo a autora, a autoridade de Rousseau, Freud, Hegel, Comte, Lutero, Lombroso, dos tratados médicos e dos manuais de confissão, da literatura e do teatro, da poesia, foram responsáveis por veicular imagens que desqualificavam e atrelavam a mulher a um destino biológico: “assim, a sedução perversa, a inferioridade física e sexual, a incapacidade intelectual, a dependência de seu corpo e de seu sexo, a passividade vem sendo reafirmadas em imagens e palavras que povoam o imaginário ocidental” (SWAIN, 2001, p. 16).

Dessa maneira, percebemos como o olhar masculino na teoria filosófica transformou a mulher em objeto. Tidas como criaturas irracionais, sem pensar próprio, pouco criativas, sem espírito estético, dependentes de seu corpo, as mulheres necessitavam, devido à sua natureza, ser submissas e controladas pelos homens. Assim, “o discurso filosófico, preocupando-se com a origem dos homens e da diferença sexual, construiu uma teoria sobre o corpo feminino delimitando às mulheres o espaço reprodutivo” (Tedeschi, 2008, p. 52). Através dessas representações, o discurso filosófico produzia uma “verdade” que colocava a inferioridade da mulher como algo inato. Além disso, as representações sobre as diferentes funções da anatomia humana reforçavam o papel das mulheres ligado à reprodução, criando uma espécie de “teoria da reprodução feminina” (Tedeschi, 2008, p. 53).

Porém, Maria não era tida pela revista apenas como um exemplo de mulher que cumpriu de forma exemplar a maternidade, mas também um exemplo de serva dedicada na propagação da palavra de Deus, “somente uma única vez Deus fez uso de uma mulher: foi para trazer seu filho ao mundo em natureza humana. E esta incumbência coube à Maria”⁹. Nesse sentido, a revista mostrava que muitas outras mulheres no decorrer dos séculos, seguiram o exemplo de Maria, dedicando-se a servir a Deus e ao próximo, sabendo dizer “Sim” à sua incumbência divina, apesar dos tortuosos caminhos e das difíceis tarefas. “Queremos lembrar-nos dos primeiros pastores que chegaram ao Brasil com suas jovens esposas, deixando para trás

⁹ Servas do Senhor. 4º trim. de 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985, p. 16

pátria, parentes, conforto, etc. para fiéis ao lado de seus esposos dizer ‘Sim’ à tarefa que as esperava”.¹⁰

Essa tentativa da revista em justificar o lugar ocupado pela mulher na igreja apareceu também no relato sobre Maria Madalena. Por meio da narrativa bíblica de Maria Madalena, mostrava-se que na história eclesiástica, apareciam muitos casos onde mulheres e homens haviam causado grandes escândalos. No entanto, o número de mulheres responsáveis por grandes alvoroços era bem maior do que o número de homens, daí a justificativa em diminuir a atividade pública da mulher dentro da igreja e a predominância dos homens na tarefa de falar em público. Mais uma vez o exemplo de Eva era lembrado e a punição por seu ato de transgressão estendia-se a todas as mulheres.

No entanto, embora o exemplo de Maria Madalena tenha sido usado para demarcar as funções ocupadas pela mulher na igreja, também foi utilizado para mostrar que mesmo com uma participação limitada em suas congregações, as atividades desenvolvidas pelas mulheres eram importantes para a expansão da igreja. Assim, apesar de suas habilidades voltadas para o privado, a revista enfatizava: “até hoje a vida da comunidade e a expansão da mesma, não pode ser imaginada sem a contribuição das mulheres em testemunho e ação. São mulheres cristãs sinceras e que se dispõem a aceitar o encargo de cumprir a ordem do Mestre, e que se destacam como suas discípulas”.¹¹ A indicação da revista *Servas do Senhor* quanto à importância dos serviços prestados pelas mulheres refletia as ações da própria Liga das Senhoras Luteranas, que contribuía regularmente com a igreja através do plano nacional das sacolinhas, como já citamos acima.

A partir do exemplo de Maria Madalena a revista questionou suas leitoras sobre suas condutas: Como são as mulheres do teu departamento feminino, ou melhor, da tua comunidade? Todas estão sempre prontas para cumprir uma ordem do Mestre como Maria Madalena? As responsáveis pelos questionamentos Wilma Warth e Gisela Becker, antecipavam que muitas respostas seriam negativas. Elas observavam que no departamento feminino de muitas congregações a simples tarefa de renovação do quadro de uma diretoria revestia-se de uma grande dificuldade, haja vista serem raras as “Marias Madalenas” que se dispunham a assumir a responsabilidade de um cargo: “muitas vezes acontece que o quadro de

¹⁰ *Servas do Senhor*. 4º trim. de 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985, p. 16

¹¹ *Servas do Senhor*. 3º trim. de 1986. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1986, p. 15

diretoria de um departamento feminino não se completa, embora o número de mulheres da comunidade seja de algumas centenas, por exemplo”.¹² Para Wilma Warth e Gisela Becker as mulheres que se privavam do “privilégio de servir ao Senhor” pelo simples fato de não querer assumir postos dentro dos departamentos femininos eram “mulheres pobres e dignas de compaixão”.

Percebemos, assim, que a coluna “quando mulheres se olham ao espelho”, a partir das narrativas bíblicas de Eva, Maria e Maria Madalena idealizou uma mulher luterana vinculada ao espaço doméstico, cuja principal função era a de ser mãe e esposa, tendo na Bíblia seu principal referencial. Porém, em contrapartida a coluna também procurou mostrar a mulher luterana, o quanto sua participação nas atividades da igreja era importante, principalmente através da LSLB. A LSLB foi um importante espaço onde as luteranas lutavam sem promover um conflito aberto com a liderança masculina.

É na intersecção entre escrita e representação que podemos localizar o caráter ativo de produção das identidades dessas mulheres. A representação não é um campo passivo apenas de registro ou expressão de significados existentes. As mulheres da IELB utilizam muitas vezes a representação para forjar a sua identidade e a identidade de suas filiadas. E essa produção não é pacífica, pois se travam nos próprios grupos batalhas de imposição de criação e de imposição de significados particulares, atravessadas por relações de poder, que na maioria das vezes é imposta pelo discurso masculino clerical.

É nessa conexão entre representação, escrita, identidade e poder que esses grupos se situam e se definem de acordo com as “normas” da estrutura da Igreja. Há um processo de significação presente nas revistas, resultante por sua vez de uma construção social, de um imaginário. Esses significados expressos nas narrativas da Igreja, por meio de vários mecanismos, constroem as identidades femininas, a definem, como reais, produzindo os papéis de gênero.

¹² Servas do Senhor. 3º trim. de 1986. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1986, p. 15

REFERÊNCIAS

BIDEGAIN, Ana Maria (Org.). Tornar visíveis as mulheres na história das religiões. In: BIDEGAIN, Ana Maria (Org.). **Mulheres: Autonomia e controle religioso na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 13-28.

BLASI, Márcia; STRECK, Valburga S. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os Sexos e dominação simbólica: nota crítica. **Cadernos Pagu**, v.4, 37-47, 1995.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, v.5, n.11, jan./abr. 1991.

CLÉMENT, Catherine; KRISTEVA, Julia. **O feminino e o sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GERTZ, René. Os luteranos no Brasil. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 9-33, 2001.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (IELB). **Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) sobre o voto e a participação da mulher na Igreja**. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS, 1981. 7p.

LE MOS, Carolina Teles. Maternidade e devoções marianas: uma ancora na manutenção das desigualdade de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.) **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL. Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1966. Livro nº 1 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS, 1966.

NUETZEL, Gerdi. Potencial transformador ou complemento de beleza? História do ministério feminino na IECLB. In: BIDEGAIN, Ana Maria (Org.). **Mulheres: Autonomia e controle religioso na América Latina** (org.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 31-58.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, v.17, n.1, p. 159-189, 2009.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, Campinas - SP, p. 11-43, 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Estudos Feministas**, v.13, n.2, p. 363-365, mai/ago. 2005.

SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 70: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, 2004.

SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: Congresso Internacional da LASA, 21, 1998, Chicago. **Anais...** Chicago, Illinois: LASA, 1998.

SCAVONE, Lucila. Religiões, Gênero e Feminismo. **Rever**, v. 8, p. 1-8, 2008.

SCHÜLER, Donaldo. **A função da mulher na Igreja**. Igreja Luterana. Poirto Alegre: Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, 1971.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, jul/dez. 1995.

SERVAS DO SENHOR. 2º trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1984.

SERVAS DO SENHOR. 2º trim. de 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985.

SERVAS DO SENHOR. 3º trim. de 1986. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOIHET, Rachel. História das mulheres In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

SOUZA, Adriana de. A dominação masculina: apontamentos a partir de Pierre Bourdieu. **Netmal in revista**, v.1, p. 3-17, 2007.

SOUZA, Sandra Duarte de (org.) **Gênero e religião no Brasil**: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

TEDESCHI. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008. p. 85.

WARTH. Carlos H. **Crônicas da Igreja**: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900-1974). Concórdia S. A: Porto Alegre, 1979.

ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres leigas na Igreja de Cristo**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

Artigo: Recebido em: 30/10/2009 Aceito em: 30/06/2010